



- “Minha história sem mim”: produção do saber e a construção de narrativas”

Coordenadores: Camilla Agostini (Universidade Federal Fluminense-CNPq, Brasil. camilla.rio.br@gmail.com) y Andrés Zarankin (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. zarankin@yahoo.com)

Comentaristas: José Alberione y Cristobal Gnecco

A aparente ausência ou “invisibilidade” do/s autor/es nos textos arqueológicos têm sido uma das características marcantes dos discursos arqueológicos tradicionais. O uso da primeira pessoa no plural ou a forma neutra é o principal recurso utilizado pelos arqueólogos para se expressarem. Trata-se de uma estratégia que evita que o autor seja identificado como sujeito e, portanto, esteja diretamente exposto a críticas. Abordagens que valorizam as “vozes”, “ações”, “sentidos” “biografias” dos objetos, ou até a interpretação da cultura material a partir da visão do “outro” traz à tona a necessidade de questionar este caráter aparentemente neutro e apolítico da linguagem arqueológica.

Assim, este simpósio é um convite a re-pensar nossas construções narrativas à exemplo de questões abraçadas por outras áreas do conhecimento, tal como a história e a antropologia, que nem sempre despertaram a atenção de arqueólogos.

Partimos de dois eixos para desenvolver tais reflexões. O primeiro sobre a institucionalização do saber segundo parâmetros acadêmicos no âmbito de diferentes tradições e suas formas narrativas na transmissão desses conhecimentos. O segundo diz respeito aos limites na construção de outros conteúdos e abordagens, por exemplo, “sensoriais”, ou relacionados a outras cosmovisões, que a linguagem arqueológica ortodoxa exclui e marginaliza. O questionamento é, portanto, de porque não pensarmos em uma arqueologia mais humana, assim como de uma maior capacidade de nos relacionarmos com outros saberes e outras formas de expressão dos mesmos. Entendemos que a reflexão sobre as construções narrativas é fundamental neste processo.